

Os rastros da circulação da produção gráfica brasileira registrados nos rótulos de cachaça da Coleção Almirante (1940-1959)

Traces of the circulating Brazilian graphic production, registered on cachaça labels in the Almirante Collection (1940-1959)

Swanne Almeida & Solange Coutinho

produção gráfica brasileira, circulação, rótulos de cachaça, coleção almirante

Este artigo apresenta um estudo sobre a circulação da produção gráfica brasileira entre estados, por meio da observação de rótulos de cachaça do país de meados do século XX. Tal investigação foi realizada dentro de uma pesquisa de doutorado (Almeida, 2018), com o objetivo específico de relacionar semelhanças compositivas observadas nos rótulos e as gráficas responsáveis pela confecção destes artefatos. No contexto exposto, apresenta-se tais notas, com ênfase no intercâmbio de produções realizado entre os estados brasileiros, como forma de contribuição histórica para análise das produções de design e contextualização da produção gráfica do período.

Brazilian graphic production; circulation; cachaça labels; Almirante collection

This paper presents a study on the Brazilian graphic production circulating between the states, by observing cachaça labels from the mid-twentieth century. This study was conducted during a doctoral research (Almeida, 2018), with the specific objective of relating composition similarities observed on the labels and the printing-houses responsible for producing these artefacts. In the abovementioned context, these observations are presented and emphasis the exchange of productions that took place between the Brazilian states, as an historical contribution for analysing the design productions and contextualizing the graphic production of the period.

1 Introdução

A história do design gráfico brasileiro vem sendo construída aos poucos por diferentes iniciativas. Para constituição deste conhecimento, recorrer a artefatos históricos, tais como *impressos efêmeros* é muito relevante. Rótulos, por exemplo, podem funcionar como grandes fontes de informações, revelando repertório do período, práticas e estilos de composição gráfica, além de características da produção gráfica da época. Neste sentido, apresenta-se neste artigo uma contribuição para o mapeamento de estabelecimentos gráficos de meados do século XX, juntamente com a análise da circulação da produção gráfica entre parte dos estados do país, por meio da observação de rótulos de cachaça brasileiros.

Esta investigação foi realizada no escopo de uma pesquisa de doutorado (Almeida, 2018), com o objetivo inicial de relacionar semelhanças observadas na linguagem gráfica de diferentes rótulos e suas respectivas origens na indústria gráfica. A fonte utilizada nesta averiguação foi a Coleção Almirante (propriedade da Fundação Joaquim Nabuco, Recife-PE), cujo acervo abarca aproximadamente 4.654 de rótulos de cachaça distribuídos em dezenove¹ estados brasileiros e produzidos entre as décadas de 1940 e 1950.

O período de tais artefatos está em consonância com o cenário da prosperidade e expansão econômica no período pós-guerra. A fabricação e o consumo em massa aumentaram o valor e

¹ Os estados que compõem a Coleção Almirante são: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe.

a importância das marcas registradas, que consistiam numa identificação visual do produto (Meggs, 2009). No caso do setor aguardenteiro, no governo de Getúlio Vargas, foram lançados decretos² que vedavam a venda da cachaça e de outras bebidas em barris ou outros vasilhames em estabelecimentos, gerando a obrigatoriedade de acondicionamento em recipientes de até 1 litro, os quais deveriam ser selados e rotulados. A grande produção brasileira de aguardente agregada às novas determinação legais foram fatores que contribuíram para o surgimento de engarrafamentos destinados a envasar a cachaça que antes era vendida a granel. A aguardente podia ser proveniente do mesmo engenho, mas era rotulada com diferentes nomes para venda. Estes são fatos que, de alguma forma, explicam a multiplicidade de rótulos do produto no referido período. As marcas das cachaças entre as décadas de 1940 e 1950 eram essencialmente rótulos compostos com temas variados, cujo desenho provavelmente advinha de uma ideia do fabricante ou dos desenhistas das gráficas em atividade, visando atrair a atenção do consumidor.

Na Coleção Almirante, as técnicas de impressão mais observadas nas produções são respectivamente a cromolitografia (a litografia em cores) e a tipografia. Parte destes estabelecimentos da indústria gráfica do período assinavam suas produções, indicando a autoria, o que funcionava como uma espécie de propaganda (Almeida, 2018) (fig.1). Estas assinaturas são importante fonte de informação e foram observadas nos exemplares da Coleção Almirante. Durante a catalogação do acervo da Almirante, Almeida (2018) intuiu que estas assinaturas seriam registros essenciais para a observação do intercâmbio gráfico, visto que se averiguou casos em que a fábrica ou engarrafadora da aguardente tinha endereço em um estado e a gráfica que assinava a produção estava localizada em outro. Neste sentido, este estudo se dividiu em três etapas: (1) levantamento de estabelecimentos gráficos; (2) seleção das gráficas com maior incidência nos exemplares; e, (3) análise do intercâmbio de produções entre estados.

Figura 1: Assinaturas das gráficas nos rótulos da Coleção Almirante. Na sequência: Gráfica Catarinense - Blumenau, Lito Jundiáense LTDA, "União Industrial" Juiz de Fora - Minas.



2 Contextualizando a produção gráfica brasileira em meados do século XX

Ao final do século XIX o Brasil já acumulava uma série de impressos, revistas, livros, inclusive rótulos. Melo & Ramos (2011) notam que nas primeiras décadas da produção gráfica brasileira, os recursos técnicos disponíveis restringiam-se aos tipos móveis e suas capitulares, vinhetas e molduras. A este conjunto foram sendo acrescentadas gravuras de metal, em madeira e por fim a técnica litográfica, que teve uma rápida difusão graças às possibilidades ilustrativas e compositivas. Conforme Camargo (2003), até 1920, as gráficas eram casas de obra onde se imprimia de tudo (fig. 2). As mesmas oficinas que faziam revistas e jornais, faziam livros e outros gêneros de impressos. As assinaturas por vezes, traziam propaganda dessa variedade de funções, a Lito Moderna Recife, por exemplo, é encontrada em exemplares da Coleção Almirante também nas variantes Gráf. Liv. Moderna – Recife e ainda Liv. Tip. Lit. Moderna Recife. Esta gráfica é citada nos estudos de Agra Jr. (2011), como um dos estabelecimentos em atividade no contexto da litografia comercial recifense entre as décadas de 1930 e 1960. Ainda na década de 1930, muitas gráficas se sustentavam fazendo artigos diversificados, tais como santinhos e cartas de baralho (fig. 3).

Havia bons prospectos também para quem se estabelecesse no setor de papelaria. Com o programa de incentivos à industrialização, promovido pelo Estado Novo, havia isenção de impostos na produção de papel, tendo sido um grande incentivo para as indústrias começarem a fabricar o próprio papel. Camargo (2003) cita como exemplo a “Fábrica de Papel Paulista de

² Há dois decretos no período que mencionam a obrigatoriedade do uso de rótulos e acondicionamento de bebidas em recipientes de até 1 litro para venda em estabelecimentos. São eles o Decreto-lei nº 739, de 24 de setembro de 1938 e o Decreto-Lei n. 7.219-A de 30 de dezembro de 1944.

Klabin, Irmãos e Cia”. Foi encontrada uma assinatura desta fábrica em um dos rótulos da coleção, com endereço na cidade do Rio de Janeiro: “Klabin Irmãos e Cia S. Paulo - Rio”. Uma indicação de que se trata de uma filial da gráfica em outra cidade. Foram também encontradas assinaturas de alguns estabelecimentos com iniciais de Papelaria também: Pap. Esteves - Petrópolis, Pap. Ribeiro Ltda - BH, Livraria e Papelaria Recorde Ltda - Florianópolis, Papelaria Vieira Aparecida, Pap. Samorini - Moacyr - Vitória, Papelaria Vieira - Guaratinguetá e Papelaria Vieira - Aparecida.

Figuras 2 e 3. Anúncio da Drechsler & Cia (futura I.G.B.) e anúncio da Fábrica Lafayette na *Revista de Pernambuco* (1926). No primeiro anúncio, o estabelecimento deixa claro que imprime qualquer tipo de trabalho em tipografia e litografia e chama atenção para sua nova especialidade: a confecção de livros. No segundo anúncio, percebe-se que a especialidade são os fumos, cigarros e as cartas de jogar. Cunha Lima (1998) cita casos em que fábricas de cigarro tinham suas próprias casas litográficas, a Fábrica Lafayette é uma destas ocorrências.



Conforme Camargo (2003), nas primeiras décadas do século XX, muitos jovens sonhavam em entrar na indústria gráfica e melhorar de vida: “*Pelo país todo empalhavam-se gráficas, imprimindo desde cartões de visita, papelaria das empresas e volantes informativos, livros, jornais e todo o material gráfico necessário para embalar produtos. Ser gráfico era motivo de orgulho*” (Camargo, 2003, p.67). O autor ressalta ainda que era relativamente comum aprendizes deixarem os patrões nas gráficas, a fim de abrirem seus próprios negócios. A indústria gráfica dava espaço para iniciativas simples que poderiam crescer posteriormente. Segundo seus apontamentos, em 1937 existiam cerca de 2 mil tipografias no Brasil. Neste sentido, pouco antes do Brasil entrar na Segunda Guerra, apenas no estado de São Paulo já se encontravam estabelecidas quatrocentas gráficas, das quais, 368 eram tipografias, 33 eram litografias e 26 eram clichérias.

Diante da grande quantidade de estabelecimentos em atividade, nem sempre era possível contar com a mão-de-obra mais preparada. Neste sentido, houveram iniciativas de montar escolas técnicas para essa área da indústria. Camargo (2003) assinala que em resposta à expansão do setor e a conseqüente escassez da mão de obra especializada, foi criada em São Paulo, em 1946, a Escola Senai de Artes Gráficas Felício Lanzara, que se dedicava à formação de operadores de máquina. Cabe ressaltar que ainda no final do século XIX, com o aumento da produção manufatureira brasileira, já existiam as iniciativas dos Liceus de Artes e Ofícios em diferentes cidades, como Rio de Janeiro (1958), Salvador (1872), Recife (1880), São Paulo (1882), Maceió (1884) e Ouro Preto (1886). O do Rio de Janeiro, por exemplo, o primeiro desses a surgir, começou a funcionar em 1858. Neste liceu, as matérias que constituíam o

ensino estavam divididas em dois grupos, o de ciências aplicadas e o de artes. Dentre algumas das matérias de artes estavam: desenho de figura (corpo humano), desenho geométrico, desenho de ornatos, de flores e de animais, gravura e talho-doce, água-forte, xilografia e pintura (Cunha, 1979).

Camargo (2003) ressalta que os anos 1950 representaram um salto para a industrialização do Brasil. Os estabelecimentos gráficos careciam de novos equipamentos, devido ao grande tempo com restrições nas importações durante a guerra. Quando Juscelino Kubitschek permitiu que a indústria gráfica se equipasse no exterior, o setor gráfico brasileiro teve um grande crescimento. Além da renovação de maquinário, as gráficas multiplicaram as filiais. Parte dos rastros dessa produção gráfica brasileira em expansão pode ser visualizada por meio das produções salvas em acervos. A seguir expõe-se o levantamento destes registros na Coleção Almirante.

3 Levantamento e seleção de gráficas com maior incidência

O levantamento de assinaturas das gráficas foi feito durante a categorização da Coleção Almirante, realizada por Almeida (2018). Embora seja um recorte da produção da rotulagem do período e ainda de um produto específico, os registros encontrados são de relevante contribuição. Apesar da maioria dos rótulos da coleção não trazer a assinatura da gráfica, conseguiu-se coletar entre casas litográficas e oficinas tipográficas, por volta de 250 diferentes estabelecimentos. O número indicado não é preciso, pois alguns estabelecimentos podem ter sido contabilizados separadamente, mas serem na verdade, o mesmo empreendimento com nomes ligeiramente diferentes.

É possível encontrar uma grande variedade de estabelecimentos gráficos, marcados nos rótulos da Coleção Almirante, com diferentes identificações e formas de abreviação: tipografia (tip., tipo.), litografia (lito., lit., lith.), gráfica (graf.), papelaria (pap.), entre outros. Há ainda aquelas identificações que unem nomes diferentes a exemplo de “lito. e tipo.” (litografia e tipografia), “pap. e liv.” (papelaria e livraria), demonstrando os diferentes processos de impressão e utilidades oferecidas por cada empreendimento condizentes com o contexto em expansão já exposto. Há também exemplares que ao invés de trazer a menção da gráfica, trazem a assinatura de nomes próprios e possíveis apelidos, como *Paul*, encontrado em 6 rótulos do Rio de Janeiro; *Tenente*, encontrado em 5 rótulos de Minas Gerais; *Fábio*, encontrado em 1 rótulo do estado do Rio de Janeiro, entre outros. Imagina-se que estas ocorrências correspondam às assinaturas dos artistas gráficos responsáveis pela produção.

Dos 4.654 rótulos que foram catalogados, foram notadas 1.032 assinaturas. Ou seja, de acordo com o levantamento, em 3.622 rótulos não constava o estabelecimento gráfico. Como este levantamento foi realizado a partir das versões digitalizadas dos rótulos, deve-se também considerar que alguns registros possam ter sido cortados na edição das imagens realizada pela Fundação Joaquim Nabuco, visto que a localização da assinatura da gráfica normalmente é na parte inferior do rótulo, próximo à linha de corte do impresso (fig. 4). Destas 1.032 assinaturas, 75 estavam ilegíveis, seja pela resolução das imagens seja pelo fato de estarem com impressão borradas. Estas foram descartadas para o mapeamento.

Figura 4: Rótulo Martelada (PE) (estimado na década de 1950) e detalhe da assinatura da *Lito Lafayette*. Fonte: Coleção Almirante, Acervo da Fundaj.



A partir dos dados coletados, foi feita uma averiguação das gráficas mais recorrentes, para posterior mapeamento da circulação das produções entre os estados. Para este propósito era preciso contabilizar as ocorrências e identificar ao menos o estado que a gráfica estava localizada. Dentre as dificuldades desse processo, pontua-se a ausência do endereço em algumas assinaturas (fig.5) e ainda a variação de abreviação adotada pelos estabelecimentos, gerando por vezes dúvidas se correspondem ao mesmo empreendimento ou não. Como exemplo pode-se citar os registros da *Impressora Paranaense*. Esta gráfica é um dos exemplos que retratam o progresso da indústria gráfica brasileira no período, tendo aberto filiais em Blumenau e em São Paulo. Na coleção, identifica-se ainda a assinatura desta gráfica com localização na cidade de Curitiba, além de outras assinaturas do estabelecimento sem a especificação da cidade.

Figura 5: Rótulo Garôta (MA) (estimado na década de 1940) e detalhe da assinatura da *Gráfica Industrial e Comercial Ltda*. Não há menção de endereço. Fonte: Coleção Almirante, Acervo da Fundaj.



Como exemplo, dos diferentes rastros encontrados nos exemplares da coleção, tem-se: IMP. PAR. CURITIBA, IMP. PARANAENSE SA, IMP. PAR. CURITIBA, IMP. PAR. S/A – CTBA. Ainda há ocorrências com a versão “IP CURITIBA PARANÁ”, que possivelmente identifica o mesmo empreendimento, mas como neste último caso a abreviação está muito curta e não foram identificados documentos que atestassem ser a mesma gráfica, a ocorrência foi contabilizada como um estabelecimento gráfico diferente. De modo geral, muitos dos registros não trazem o endereço ou mesmo o estado da sede do negócio, o que dificulta o processo investigativo.

Na tabela 1, estão elencadas as assinaturas que aparecem pelo menos três vezes na Coleção Almirante. Algumas assinaturas vêm acompanhadas das cidades e/ou estado. Nos casos em que não foi possível desvendar a localização apenas pelo rótulo, utilizou-se como auxílio, os resultados de Agra Jr. (2011) para os estabelecimentos pernambucanos, os de Witkoski (2016), para os estabelecimentos paranaenses e os apontamentos de Camargo

(2003) para algumas outras localidades. No entanto, algumas das ocorrências ainda ficaram sem a localização determinada.

Apesar de não constarem no quadro, devido ao critério estabelecido de quantitativo mínimo de ocorrências, foram encontrados 46 estabelecimentos cujas identificações se dividiam em: “Tipografias” (42 exemplares), “Lito Tipográficas” (2 exemplares) e “Linotipo” (2 exemplares). As demais ocorrências se dividem em litografias, gráficas, empresas gráficas, papelarias, livrarias, nomes mistos (ex. liv. pap.) e assinaturas que não identificam o maquinário como “Pradi”. Por se tratar de uma coleção de rótulos, que são artefatos característicos por serem imagens comerciais, é natural que os estabelecimentos que comportam a litografia se sobressaíam nas ocorrências. Os rótulos já funcionavam como a propaganda do produto, e a litografia como é sabido, graças às suas possibilidades técnicas se destacou neste setor. Na tabela 1, foram destacadas em negrito as ocorrências com quantitativo superior a dez exemplares para mapeamento da circulação gráfica, exposta a seguir.

Tabela 1: Estabelecimentos Gráficos ou Ilustradores e ocorrências. Fonte: Almeida (2018).

Assinatura	Ocorrências	Origem	Quantidade de unidades por destino
Arte Gráfica - Cel. Fabriciano - Minas	5	MG	MG (5)
Emp. Graf. Amazônia - Pará	5	PA	PA (5)
Emp. Gráfica Moderna Ltda - Muriaé	4	MG	MG (4)
Emp. Tipográfica S. José Formiga	3		MG (3)
Es. Gráfica Gutenberg - Ponte Nova	8	MG	MG (8)
Est. Gráfica Pasque	12	MG	MG (12)
Est. Gráfico Ideal - Santos Dumont	6	MG	MG (6)
Fiori Bahia	17	BA	BA (17)
Globo Bahia	22	BA	BA (19) RJ (2) SE (1)
Graf Lusitana Recife	6	PE	PE (6)
Graf. 43 Blumenau	45	SC	BA (15) CE (4) ES (4) MG (2) PA (2) PE (1) SC (17)
Graf. Muniz - Rio	21	RJ	RJ (21)
Gráfica Apolo	4	PE	PB (1) PE (3)
Gráfica Catarinense Sa	49	SC	AL (2) BA (6) CE (6) MA (1) MG (8) PA (1) PB (6) PE (4) RJ (1) RN (1) RS (1) SC (10) SE (2)
Gráfica Real Grandeza - Rio	4	RJ	RJ (4)
Gráfica Santa Luzia - Carangola	5	MG	MG (5)
Gráfica Universal Ltda - Rio Bonito	3	RJ	RJ (3)
Gráficas - São João Del Rei	26	MG	ES (1) MG (25)
I. B. 416	3		BA (3)
I.G.B Recife	4	PE	PB (1) PE (3)
I.P.C	3		CE (1) MG (1) PB (1)
Imp. Par. Curitiba	18	PR	BA (4) CE (3) MA (1) PA (1) PB (2) PI (1) PR (2) RJ (1) RS (1) SE (1) SP (1)
Imprensa Vitória - Bahia	3	BA	BA (3)
Ip Curitiba - Paraná	17	PR	CE (10) PA (1) PB (2) PE (1) PR (1) SC (1) SP (1)
Li. Arte Serrana	3		CE (1) RS (2)
Lit. Almeida Marques - Rio	13	RJ	ES (2) PE (2) RJ (9)
Lit. Cruz De Malta - São Paulo	41	SP	AL (1) BA (4) CE (1) ES (9) MG (1) PE (1) RJ (13) SC (1) SP (10)
Lit. Progresso Curitiba	9	PR	PR (6) SC (3)
Lith. Minerva - Santa Cruz Do Sul	16	RS	CE (2) ES (1) PB (1) RS (10) SC (2)
Lito Araguaia Ltda - Jundiá	11	SP	MG (4) PR (1) SP (6)

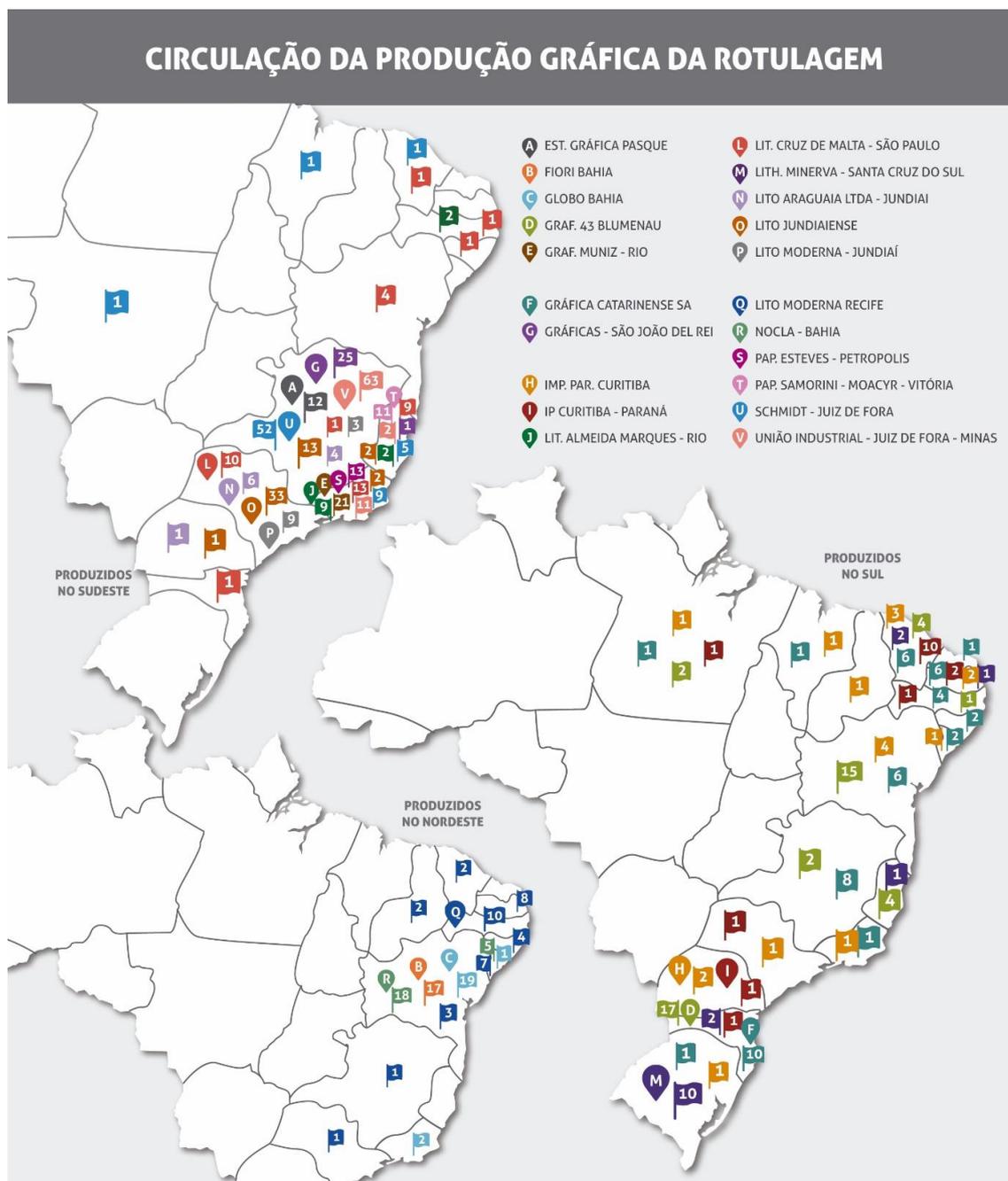
Lito Cia De Fumos Santa Cruz	5		RS (5)
Lito Jundiense	51	SP	ES (2) MG (13) PR (1) RJ (2) SP (33)
Lito Lafayette Recife	7	PE	CE (4) PB (1) PE (1) RN (1)
Lito Moderna - Jundiá	12	SP	MG (3) SP (9)
Lito Moderna Recife	38	PE	AL (4) BA (3) CE (2) MG (1) PB (8) PE (10) PI (2) SE (7) SP (1)
Lito Record Ltda - São Paulo	5	SP	MG (2) RJ (3)
Lito Universo - Sp	3	SP	PE (1) RJ (2)
Nocla - Bahia	23	BA	BA (18) SE (5)
Pap. Esteves - Petropolis	13	RJ	RJ (13)
Pap. Ribeiro Ltda - Bh	3	MG	MG (3)
Pap. Samorini - Moacyr - Vitória	11	ES	ES (11)
PAUL (Ilustrador?)	6		RJ (6)
Pradi	5	PR	PR (4) SC (1)
Redentor Artes Gráficas - E. Santo	3	ES	ES (3)
Schmidt - Juiz De Fora	69	MG	CE (1) ES (5) MA (1) MG (52) MT (1) RJ (9)
Tenente (Ilustrador?)	5		MG (5)
Tip. Montalvao - Vitória	4	ES	ES (4)
Tip. Nascimento - Aimorés	3	MG	MG (3)
Tip. Priore - R. Marcos Arruda, 277	5	SP	SP (5)
Tip. Rocha - Minas	5	MG	MG (5)
Tip. Tinoco - Campos	3		ES (2) RJ (1)
Tipo. Radiante. Gov Valadares	7	MG	MG (7)
Tipo. Taneco - Vitória	4	ES	ES (4)
União Industrial - Juiz De Fora - Minas	76	MG	ES (2) MG (63) RJ (11)

4 Analisando o intercambio gráfico

A partir do levantamento das assinaturas, foi desenvolvido um infográfico para representar o fluxo da produção gráfica entre os estados brasileiros (fig. 6). As letras de A–Z em marcadores de localização representam as gráficas elencadas com maior incidência nos rótulos da Coleção Almirante, tendo sido posicionadas nos mapas de acordo com a unidade federativa na qual estão situadas. A localização geográfica indicada no infográfico não é precisa, visto que nem sempre os registros apresentam as cidades nos endereços. Ademais priorizou-se a melhor visualização dos elementos na escala do mapa. Por sua vez, as bandeiras com numeração correspondem às quantidades de exemplares produzidos por cada gráfica encontrados na coleção. Estes ícones foram posicionados nos estados responsáveis pela produção das aguardentes.

A relação entre as gráficas, *representadas por localizadores*; e suas produções, *representadas por bandeiras*; é feita por meio de um esquema de cores. Por exemplo, uma gráfica com localizador azul, pode ter várias bandeiras azuis distribuídas pelo país, representando os impressos que produziu e foram enviados para cada estado. Optou-se por representar esse fluxo em três mapas diferentes, de acordo com o local da produção gráfica dos rótulos. Deste modo, têm-se os mapas com os rótulos produzidos na região Sudeste, na região Sul e da região Nordeste.

Figura 6: Circulação da produção gráfica de rótulos da Coleção Almirante. Fonte: Almeida (2018).



Nota-se que a região Nordeste, apesar de ter uma variedade de gráficas razoável, conforme a tabela 1, possui apenas quatro gráficas no infográfico, já que apenas estas se destacaram em quantitativos para serem incluídas. Dentre estas, a “Lito Moderna Recife” foi a que mais se sobressaiu, apresentando mais rótulos impressos para Pernambuco, seu estado de origem, e alguns para outros estados das regiões Nordeste e Sudeste. As gráficas nordestinas apresentaram poucos exemplares produzidos para região Sudeste e nenhuma produção para região Sul.

Já na região Sul, observa-se o destaque para produção de três gráficas especialmente, sendo elas a Impressora Paranaense (H), a Gráfica 43 Blumenau (D) e a Gráfica Catarinense SA (F). Essas gráficas aparentemente dominavam o mercado e eram bastante requisitadas pelos engarrafadores de aguardente da região Nordeste. Nota-se que a variedade de gráficas era maior na região Sudeste, todavia percebe-se pelo infográfico que a indústria gráfica desta

região se concentrava em atender sua demanda local. O destaque na quantidade de gráficas da região Sudeste, com expressividade em produção, está em consonância com os expostos de Camargo (2003), que relatou o crescimento da indústria gráfica nesta região entre as décadas de 1930 e 1940, com destaque para o estado de São Paulo. O fato de atender a demanda local, coincide com a alta produção de aguardente na região. A exemplo de Minas Gerais, que era neste período o estado que detinha maior produção, e o mesmo possui várias bandeiras representadas no gráfico.

A partir da observação do mapeamento da circulação desta rotulagem, é possível afirmar a existência de um verdadeiro intercâmbio gráfico no período. Intui-se que além da circularidade das mercadorias e da popularidade de algumas marcas de cachaça, este intercâmbio também tenha favorecido maior disseminação de modelos gráficos e recorrências no estilo das imagens, observados nos exemplares da coleção.

4 Conclusões

Entre os rótulos da coleção é possível observar fortes recorrências em estilos tipográficos e em formas de composição visual. Foi em virtude destes achados, que se decidiu investigar a circulação da produção gráfica brasileira, baseada nos registros da Coleção Almirante. A partir da apreciação do intercâmbio gráfico no período, por meio das assinaturas na rotulagem da coleção, compreende-se que esta circulação era representativa, podendo ser considerada como um dos fatores que favorecia a propagação de modelos gráficos de composição, recorrências no estilo das imagens e nas temáticas representadas (figs. 7 e 8).

Figura 7: Rótulo Esmeralda (MG) (estimado na década de 1950) e detalhe da assinatura da Gráfica Catarinense - Blumenau. Fonte: Coleção Almirante, Acervo da Fundaj.



Figura 8: Rótulo Chamêgo (ES) (estimado na década de 1950) e detalhe da assinatura da "União Industrial" Juiz de Fora Minas. Fonte: Coleção Almirante, Acervo da Fundaj.



Os engarrafadores procuravam imprimir a rotulagem nos locais que oferecessem a melhor condição de orçamento (Almeida, 2018). As assinaturas constituíam uma forma de propaganda da gráfica, os donos das empresas faziam pesquisas de preços e qualidade, comprando às vezes o produto cujo visual do rótulo agradava, para ter o nome do estabelecimento gráfico e descobrir o número pela central telefônica (Soares, 2018). Neste sentido, modelos ou características marcantes em rótulos que chamavam atenção, podiam ser repetidos em uma nova produção a pedido do cliente. Uma vez encomendada a arte, o dono podia pagar por uma

matriz (pedra) que ficaria guardada com o desenho do rótulo na *litoteca*. Desta forma as novas remessas sairiam mais baratas, garantindo sua fidelização. Um possível desdobramento deste estudo seria analisar graficamente as produções oriundas de cada gráfica, buscando características gráficas comuns entre aquelas da mesma autoria.

Agradecimento

Agradecimento especial à Fundação Joaquim Nabuco por ceder as imagens de rótulos da Coleção Almirante para este estudo.

Referências

- Agra Jr., J. E. (2011). Memória gráfica pernambucana: indústria e comércio através dos impressos litográficos comerciais recifenses [1930-1965]. *Dissertação de mestrado*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Almeida, S. (2018). Bichos Boêmios: um estudo sobre recorrências, referências e análise de significado dos animais nos rótulos de aguardente da Coleção Almirante. *Tese (Doutorado)*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Camargo, M. (2003). *Gráfica: arte e indústria no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Bandeirantes Gráfica.
- Cunha, L. A. (1979). *O ensino de ofícios manufatureiros em arsenais, asilos e liceus*. v.3, n3. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/fe/article/viewFile/60512/58764>> Acesso em 02. jun. 2018.
- Cunha Lima, E. L. (1998). Cinco décadas de litografia comercial no Recife: Por uma história das marcas de cigarro registradas em Pernambuco. *Dissertação de mestrado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Godoy, M. M. (2007). Persistência do tradicional: o processo de modernização da agroindústria canaveira do Brasil e a sobrevivência de formas produtivas não capitalistas. *Anais do XXXV Encontro Nacional de Economia*. Recife.
- Meggs, P. (2009). *História do design gráfico*. São Paulo: Cosac Naify.
- Melo, C. H. & Ramos, E. (2011) *Linha do tempo do design gráfico no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify.
- Soares, H. (2018, fevereiro 26). *Hélio Soares: Ex-trabalhador da Indústria Gráfica na década de 1970* (Depoimento com Hélio Soares). Entrevistadora: Swanne Almeida. Recife, 2 arquivos M4A (54 min).
- Witikoski, A. R. (2016). Os rótulos de cachaça litográficos do Paraná: entre transições tecnológicas e permanências visuais: 1930-1950. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-graduação em Tecnologia. Curitiba: UTFPR.

Sobre as autoras

Swanne Almeida, Doutora, IFPE, Brazil <swanne.almeida@olinda.ifpe.edu.br>

Solange Coutinho, PhD, UFPE, Brazil <sol2015ufpe@gmail.com>